

“Lá Onde o Rio Está Enterrado”: Itacuruba, identidade e memória em um “não-lugar”¹

Maria do Socorro Fonseca Vieira Figueiredo

Germana Fonsêca Figueirêdo

Palavras - chave: Itacuruba, memória, exílio.

Este estudo trata do exílio a que grupos inteiros são submetidos para que sejam construídas grandes barragens. Este exílio traz a marca da impossibilidade de regresso ao antigo lugar, carregado de memórias, doravante submerso.

Não podemos desconsiderar que a construção de uma usina hidrelétrica envolve um complexo jogo de atores e de poderes. O remanejamento de populações requer uma malha de articulações que, para além das famílias atingidas e do setor elétrico, envolve desde o cenário político regional, até o nacional e internacional.

A magnitude dos números de alguns desses projetos impressiona: em Itaparica cerca de 40.000 pessoas foram realojadas durante 1987-88, com custo aproximado de 63.000 dólares por família². A barragem teria uma altura de 105 metros³, 4,7 km de comprimento e capacidade planejada de 2.500 megawatts (Rice, 1997); o lago de Itaparica com 834 km poderia armazenar 11 bilhões de metros cúbicos de água⁴. A demanda por energia elétrica, para atender ao desenvolvimento econômico da Região e do país, tornava, para o Estado, a construção de Itaparica inquestionável; a produção de energia justificava sacrifícios. Mas, no dia primeiro de dezembro de 1986, os ribeirinhos ocuparam o canteiro de obras da barragem. Ali acampados, impediram o funcionamento da obra por seis dias, até que, em negociação com a Eletrobrás/CHESF, obteve-se um

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

² Aspectos e Consequências Ambientais de Projetos Financiados pelo Banco no Vale do Médio e Baixo São Francisco – Resumo e Conclusões. Daniel Gross, p.6. O custo por hectare irrigado foi de US\$ 54.000, em relação a população urbana os custos foram menores, conforme estimativa da CHESF US\$ 37.000 por família. Segundo dados da CHESF os custos da construção da usina de Itaparica e o custo total do reassentamento são equivalentes: US\$ 1,5 bilhões cada. (E. B. Rice. Early Experience With Involuntary Resettlement: a follow – up . Case Study: Brazil – Itaparica. December/1997 – relatório de consultoria contratado pelo Banco Mundial)

³ De acordo com a ICOLD (Comissão Internacional sobre Grandes Barragens), uma grande barragem tem altura igual ou superior a 15 metros (contados do alicerce). Se a barragem tiver entre 5 e 15 m de altura e seu reservatório tiver capacidade superior a 3 milhões de metros cúbicos, também é classificada como grande. (Barragens e Desenvolvimento: Um Novo Modelo para Tomada de Decisões – Um Sumário, Comissão Mundial de Barragens – Novembro de 2000)

⁴ Operations Evaluation Department, 1992

acordo chamado “Acordo de 86”, que assegurava o reassentamento, garantindo: terra boa para irrigação/ casa para morar/ terra para criatório/ assistência técnica/ garantia de 2,5 salários mínimos até o início da produção (VMT – Verba de Manutenção Temporária)/ indenização justa/ participação efetiva nas decisões do reassentamento (Reassentados de Itaparica, 1995).

Mas ao inundar áreas se inundam lugares com seus significados e símbolos próprios, expressão da identidade coletiva. A construção de identidades acontece na relação com espaços, valores, fazeres cotidianos (Balandier, 1999); mas, o que fazer quando uma cidade submerge, e seus habitantes são colocados num novo espaço que mais se aproxima de um “não-lugar” (Augé,1994), em ruptura com toda uma vida, como até então conheciam? .

Decidimos, então, tratar da relação identidade, memória e lugar a partir desta situação de exílio. Fomos ao encontro de algumas comunidades localizadas na região do Submédio São Francisco, que foram atingidas pela construção da Barragem Luis Gonzaga (Lago de Itaparica).

Entre as cidades visitadas, Itacuruba, município localizado a 481 Km do Recife, na microrregião do Sertão Pernambucano do São Francisco, construído para reassentar os moradores da antiga Itacuruba, inundada em 1988, chamava especial atenção. Pelo CREMEPE⁵ 2006, Itacuruba é citada como a cidade brasileira que mais se utiliza de antidepressivos, sendo detentora do maior índice de suicídios, estando este bem acima da média mundial⁶.

Quanto mais nos aproximávamos da cidade, maior era a sensação de estar em meio ao nada. Enquanto outras cidades se revelavam às margens das estradas ou dos rios, ela, construída distante dessas referências, parecia perdida em seus caminhos secos e pedregosos, enfeitados de arbustos empoeirados. Chegando lá, onde permaneceríamos de março de 2009 até o final de julho, sentimos, logo nos primeiros dias, que velhos e jovens pareciam ter como ocupação essencial narrar a vida na velha cidade submersa e os sofrimentos trazidos pela barragem; o discurso vivido era da perda da identidade: “a identidade aqui [nova Itacuruba] está perdida”;“aqui acabou o referencial de identidade, a situação aqui é muito delicada”;

⁵ Conselho Regional de Medicina de Pernambuco.

⁶ Diário de Pernambuco – viver – 15/10/2006. Dados da Caravana CREMEPE.

identidade”; “o povo de Itacuruba não tem mais uma identidade devido às perdas que tiveram”.

Esses depoimentos dão pistas de que o grupo vive a chamada crise de identidade. A sensação era de ser vital se revelar para além do confinamento a que se viam submetidos, de mostrar que apesar de tudo continuavam existindo, embora em outro tempo: “um tempo diferente”, “o meio do tempo”, “um tempo carrasco”, “não era o tempo da gente”. Percebia-se que o povo daquele lugar traçava, diariamente, sobre o espaço em que agora vivem, com os fios de suas memórias, o mapa da cidade submersa.

Nestes discursos o passado parecia vir à tona, conservado em toda sua inteireza. Nesse sentido refletem as ideias de Henri Bergson (1999), para quem a memória é reserva crescente a cada instante, dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida; o passado conserva-se e sobrevive, tanto em si mesmo, em estado inconsciente, quanto chamado pelo presente, sob a forma de lembrança. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. Assim, se por um lado a memória tem a função de conservar o já vivido, por outro, ao organizá-lo com o presente afirma sua vocação para o novo.

Já para Maurice Halbwachs (1990) é fundamental focalizar a memória enquanto fenômeno social. Trata, então, do seu caráter coletivo. Para este autor, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que é mutável; depende do seu relacionamento com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares ao indivíduo: memória é trabalho, a situação presente nos faz lembrar. Mas lembrar não é reviver: é reconstruir, repensar o passado com a ajuda dos dados do presente.

Na verdade, as memórias narradas pelas pessoas em Itacuruba refletem uma aproximação entre os pensamentos de Bergson e Halbwachs; surgem, nas falas, imagens pessoais, carregadas de emoção, mas estas acabam imbricadas com as do grupo. Os sofrimentos, as saudades aparecem ligadas ao “eu”, mas logo se derramam pelo todo, envolvem os outros de forma que fica quase impossível delimitar os pontos em que se separam. São memórias compartilhadas em conflito com um presente que não conseguem reconhecer como próprio. O momento atual parece não oferecer substâncias que permitam uma mistura com as do passado. Então, percebe-se a busca por lugares e

fazeres de memória, que possibilitem aplacar a solidão; lembrar que compartilham crenças, ancestrais, infortúnios e alegrias; que permanecem um grupo.

Assim, longe de um encontro direto com a Barragem Luis Gonzaga (Itaparica) e com a Nova Itacuruba, o que se revela, em um primeiro momento, é o antigo lugar. É ele que se impõe (embora não descolado do hoje) em todas as narrativas, enquanto a nova cidade se mantém apenas nas entrelinhas.

A maioria da população da velha Itacuruba residia na zona rural e dedicava-se à agropecuária. O percentual de chefes de família que se engajava nesta atividade atingia 93% (O. Galindo; Neto, 2000)⁷. A comunidade se reconhecia como de agricultores. O povo de Itacuruba tinha um *sentimento de diferença* em relação aos sertanejos sofridos das terras secas do interior. Eles fazem questão de lembrar que eram ribeirinhos, não eram agricultores de caatinga, de terra seca.

Em seus discursos, as referências em relação ao antigo lugar em que viviam, trazem o passado para o presente: “sou da cidade velha, da velha Itacuruba”; “meus avós, meus pais, eu, somos todos da Itacuruba velha”; “somos de lá onde o rio está enterrado pelo lago”. Essas expressões revelam um sentimento de pertença que os ligava ao grupo e ao lugar.

Lembram que em fevereiro de 1988 foram fechadas as comportas da barragem⁸. Iniciava-se o enchimento do lago; era chegada a hora da partida definitiva para o exílio.

Falam de um formato de vida anterior, construída por gerações, sendo desviada.

A maior dor que senti foi quando fui obrigada a sair de casa e reparei, à minha volta, ainda dentro dela, e vi cobras se abrigando na sala e nos quartos fugindo da água que se avolumava e já encobria toda a praça e parte da igreja da antiga Itacuruba. Só lembro que corri feito doida e fui ver o Rio, chegando lá não o via mais; ele já não corria mais e eu gritava: o Rio está morrendo, o Rio está morrendo.... depois disso não senti mais as pernas e o mundo escureceu. (professora Glauca Cantarelli)

Seria possível traduzir este acontecimento? Como uma catástrofe programada e executada que interrompe a um só tempo o ritmo de vida do grande rio e das populações

⁷ In: ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de; CALDAS NETO, Magda de; LIMA, Ana Eliza V. (Org.). *Sonhos Submersos ou Desenvolvimento? Impactos Sociais da Barragem de Itaparica*. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000.

⁸ Relatório Rice, 1992.

à sua margem, que seguiam o mesmo curso há tempo suficiente para acreditar que seria eterno: um rio forte, generoso, de águas duras é, aparentemente, amansado, torna-se lago que cobre as terras férteis; ao povo que vivia tranquilo resta unicamente o exílio.

Com o enchimento do lago as pessoas partiram para o exílio no meio da caatinga “de onde eles mesmos ou seus pais tinham fugido em busca das terras mais férteis na beira do rio. (...) As pessoas foram simbolicamente retornadas às suas origens históricas, em locais ecologicamente inóspitos e desconhecidos.” (Scott, 2009: 35).

Nesse momento de mudanças drásticas, um dos efeitos mais perversos, gritante nos depoimentos dos que seguiam para o exílio, foi a desagregação das famílias. Até o momento da saída todos estavam juntos; tinham construído aquele lugar, e se constituíram nele, agora diante das águas que chegavam seguiriam caminhos diferentes:

Lá [Itacuruba velha] morava a família todinha num lugar só. Com a barragem todo mundo se separou; uns foram pra Remanso, outros pra outros cantos. (Antônia Maria dos Santos – 60 anos)

Na vinda de lá prá cá nós perdemos familiares, que com certeza se a gente estivesse lá não tinha perdido. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Quando falam sobre o início da vida, no local de exílio, as pessoas lembram que, embora as pedras da velha cidade tivessem sido aproveitadas no calçamento da atual, nada parecia possível de ser reconhecido como próprio. Aqueles que optaram por nova Itacuruba o fizeram, principalmente, para permanecer próximo ao lugar de origem, onde tinham raízes: “não saberia viver em terras perdidas, [como] verdadeiros zumbis”⁹. Mas, todos estavam conscientes da necessidade de ter acesso a uma vida produtiva, nos moldes anteriores, com base na agricultura¹⁰, principal promessa feita aos exilados habituados ao trabalho; a população se viu diante de uma inatividade pela qual não

⁹ “depoimento de um entrevistado que lutou pela opção da piscigranja [na nova Itacuruba] e a conseguiu na raça, com muita dificuldade quando a CHESF não queria cadastrá-lo, “alegando que seu perfil não era compatível com os critérios estabelecidos para a seleção, como nível de instrução (1º grau completo) e uso de transporte próprio”. Para ele não interessava outro projeto que o afastasse da antiga cidade. (In: CHESF/FUNDAJ. Avaliação do Reassentamento da População Rural de Itaparica: piscigranja: uma opção de reassentamento. AMARAL, Ana Elizabeth P. do; GUIMARÃES, Sueli M. P. Recife, Nov 1994.)

¹⁰ Foram constatados erros técnicos que comprometeram o programa desde o início. A começar pela escolha das áreas, realizadas dentro de normas internacionais de condições pedológicas, que determinam se o solo tem espessura suficiente para garantir o desenvolvimento agrícola. Quando propícia, essa espessura varia de 1 metro à 1,5 metro até a primeira camada de rochas. A primeira vista, os terrenos da caatinga mostraram-se recomendáveis, mas, quando preparados para a agricultura, revelaram, que na verdade têm profundidade muito heterogênea, podendo apresentar variações em apenas um hectare. Também ficou comprovado que os terrenos são muito pobres e salinosos, inadequados à culturas de ciclo curto. (Gazeta Mercantil, 25/0/1998: p.A/B)

decidiram, e que, na medida em que os meses e anos iam passando, parecia, para a grande maioria, não ter fim. A essa época, muitos jovens foram embora em busca de emprego, e muitos idosos, mais vulneráveis às mudanças, morreram. Outros velhos foram morar em cidades próximas (Galiza; Medeiros, 2000). Mas a regra foi permanecer esperando uma solução, sobrevivendo com a VMT.

Aqui, de início tudo era diferente. O encanto, logo no começo, enganava, foi bom: as casas bonitas, pintadas; só que até hoje nós sofremos com encanação mal feita, alicerce mal feito, feito de barro, se não me engano, e o sal vai comer e aí pode acabar vindo abaixo. (Rita Dante)

Hoje estou aqui na estaca zero, aqui não tem em que recomeçar, porque o terreno aqui é péssimo, terreno velho carrasco, (Mário Joaquim dos Santos – 64 anos)

Aos poucos se retirava das mãos daquelas pessoas as rédeas de suas vidas; é marcante a perda de autonomia do grupo, incapaz de por seus próprios meios determinar para si e para as próximas gerações possibilidades de uma vida boa. Acho que dona Tivinha resumiu bem a situação vivida naquele momento, que se estende até hoje: “é, minha filha, ficamos aqui, no meio do tempo, vivendo do salariozinho que a CHESF pagava, sem ter o que fazer, só esperando”.

Ali, no meio do tempo, subtraía-se dos sujeitos toda a possibilidade de atribuir um valor social às suas próprias capacidades. Como sugere Axel Honneth (2003), a elaboração coletiva de privação de direitos que se encontra na degradação cultural de uma forma de vida é a categoria de vexação; assim, ao sofrimento do desrespeito corresponde reações emocionais negativas que se expressam no sentimento de vergonha social. Percebemos que se no início do exílio o sentimento de indignação, de dívida social, dava o tom dos discursos; com o passar do tempo foi a vergonha/vexação que se fez presente nas entrelinhas da expressiva maioria dos depoimentos que escutei:

É, a gente ficou aqui, sem ter outro jeito, se mantendo com o salário que a CHESF dava todos os meses. (Socorro Soares da Silva – 43 anos)

A CHESF não fez projeto pra gente, pior que não fez, ela ficou pra fazer e lá se vai, faz hoje, faz amanhã, e passou quatro anos, cinco anos, dez anos, só pagando a VMT e nada. (João Carabeira)

Era só receber a VMT e ficar no banco da praça; mas se vinha para o banco de uma praça não era questão de malandragem, o que é que ia fazer dentro de uma casa um homem que já tinha seu costume de acordar de madrugada ir pra sua roça, e aqui? (Rita Dante)

Parry Scott (1994: 129), em estudos com os atingidos pela barragem de Itaparica traz o conceito de violência administrada:

“Este processo, que denomino de “violência administrada”, se configura num uso particular do poder de organizações burocráticas, encarregadas de executar programas de desenvolvimento, em criar expectativas para as populações atingidas e, logo em seguida, na execução do programa, frustrá-las.”

Submetida a maus-tratos, com o sentimento de estar sujeito à vontade dos outros, sem proteção, a população da nova Itacuruba revela desconfiança em si e no mundo:

Diante desse cenário, a CHESF, no final da década de 1990, por intermédio do GEEPI (Grupo Executivo Especial do Projeto Itaparica), entrou em contato com a população de nova Itacuruba com o objetivo de indenizar de forma definitiva aqueles cadastrados como para – rurais que optaram pela cidade¹¹;

Não fica difícil imaginar o que veio após o recebimento das indenizações: compra de pequenos terrenos nas proximidades, reforma de casas, compra de carros, muitas vezes mesmo sem saber dirigir, compra de eletrodomésticos. O dinheiro rapidamente acabou, e, sem a VMT, toda uma população se viu à deriva, refém de uma política assistencialista¹²;

Aqui, hoje, os jovens não têm emprego nem um referencial de identidade, acabou o referencial de identidade, a situação aqui é muito delicada. A questão do alcoolismo é séria, uma coisa que a gente observa aqui na nossa cidade é o número de bares que só aumenta; raramente um bar aqui é fechado, e se está aumentando o número de bares é porque nós temos um número elevado de consumidores, e eu me preocupo, porque sou mãe de adolescentes, tenho quatro filhos. (Rita Dante)

¹¹ “Em 1999, com a onda de privatizações que ameaçava engolir a CHESF, a empresa quis se livrar do compromisso de sustentar as 300 famílias que ainda esperavam receber suas terras. Suspendeu a VMT e pagou indenizações, deixando uma legião de ex-agricultores que haviam sido providos por ela durante 12 anos e cujos filhos cresceram vendo os pais passarem o dia inteiro ociosos.” Itacuruba - A represa que engoliu uma geração – 25/09/ 2007. In: <http://novochico.wordpress.com/category/itacuruba/>.

¹²Segundo o IBGE, 20,9% da população de Itacuruba é de servidores municipais. A nova Itacuruba se transformou em uma cidade de funcionários públicos, ao contrário da primeira, que tinha vida própria. In: <http://novochico.wordpress.com/category/itacuruba/>.

Os depoimentos remetem a uma crise de identidade¹³; “As instituições que deveriam disponibilizar o sentido para o agir do grupo, não trouxeram para nova Itacuruba uma reserva de sentido e valores de maneira coerente” (Berger, 2004: 34). As transformações vividas convergiram para a emergência de agricultores sem agricultura, deixando uma população inteira em suspenso, mergulhada em contradições e marcada pela ambiguidade, instabilidade e angústia.

Aqui foi o lugar onde o cão perdeu as botas; se o cu tiver mundo, o mundo é Itacuruba, o cu do mundo é Itacuruba. (Antônio de Almeida – 69 anos)

Seguindo a trilha dessas falas, nova Itacuruba parecia se revelar como um depósito preparado para guardar os exilados, um campo de refugiados. Assim, ficava mais fácil entender a rejeição dos que cumpriam o exílio no novo espaço. De acordo com Augé (2001); o termo espaço, em si mesmo, é mais abstrato do que o de lugar; a maneira de um imenso parêntese, ele se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos ou a uma grandeza temporal; já o lugar, morada dos que vieram antes de nós, conjugando identidade, relação e história, se define por uma estabilidade mínima. Na deriva dessas ideias, nova Itacuruba, no meio do tempo, em completa desestabilidade, nos parece refletir esse vácuo entre parênteses; um *não-lugar*:

Na nova cidade a água do lago era vista como símbolo de morte:

A represa acabou com tudo, entrava ano e saía ano e a gente achava bom, e não via adoecer, o pior é que a gente não sentia era nada a agora a gente é tudo doente, ninguém sabe esse problema qual é, mas o que é certo é que o povo é todo doente. (João Caraiqueira)

Longe do canto cristalino das águas puras e correntes do rio, o lago, em silêncio, reflete a morte que oculta. Embora, não ancorados em qualquer lógica racionalista, os que vieram da velha cidade não duvidam que seus maiores males e até mesmo a ameaça as suas vidas, vêm das águas impuras do grande lago de Itaparica.

Os dados sinalizavam um sofrimento coletivo; as pesquisas de saúde mental,

¹³ Kathryn Woodward (2000) faz notar que a noção de identidade em crise, também, serve para analisar a desestabilização que se seguiu ao colapso da ex-União Soviética e do bloco comunista do Leste Europeu, causando a afirmação de novas e renovadas identidades étnicas além da busca por identidades perdidas. Afinal, o comunismo, simplesmente, deixava de existir como um ponto de referência na definição de posições políticas. Para preencher esse vazio, têm ressurgido na Europa Oriental e na ex-União Soviética formas antigas de identificação étnica, religiosa e nacional.

realizadas pelo Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, em Itacuruba, mostraram uma realidade preocupante: altos índices de depressão¹⁴ e suicídio¹⁵:

Segundo o conselho municipal de saúde, em quase todas as casas de Itacuruba há pelo menos um caso de suicídio ou tentativa de suicídio¹⁶. Desde os nossos primeiros contatos com a população, depressão e suicídio eram palavras que se repetiam em quase todas as conversas; mas só passados os primeiros meses na cidade começamos a sentir a realidade que as estatísticas espelhavam. Muitas das pessoas da cidade mostravam, em seus relatos, consciência da gravidade que os números revelavam; sabiam que era uma forte arma para cobrar do Estado uma atenção diferenciada que parecia nunca chegar:

Hoje nós temos dentro do nosso município uma situação muito difícil 80% da população de Itacuruba toma remédio controlado para o Sistema Nervoso, isso é problema sério que é constatado no nosso município, uma preocupação enorme. É preciso, realmente, viabilizar a questão econômica de Itacuruba, mas a questão política desvia algumas coisas. (Ademilson Nunes de Souza)

¹⁴ A depressão está classificada dentro dos *Transtornos Afetivos*. Segundo a CID.10, (CID -Classificação Internacional de Doenças) *Transtornos Afetivos* são aqueles nos quais a perturbação fundamental é uma alteração do humor ou afeto, como uma depressão (com ou sem ansiedade associada) ou uma *Euforia*. Esta alteração do humor em geral se acompanha de uma modificação do nível global de atividade, e a maioria dos episódios destes transtornos tende a ser recorrentes e pode estar relacionada com situações ou fatos estressantes.

¹⁵ O suicídio é definido pela CID-10 (X-60 a X-84) como um óbito derivado de lesões autoprovocadas intencionalmente por diversos métodos (CID-10, 1993). Para Durkheim (2004:14) “Chama-se suicídio todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que deveria produzir esse ato”.

¹⁶ Dados do CREMEPE revelam que as taxas de suicídio são: no Brasil 4,48, no Nordeste é de 3,31, em Pernambuco é de 3,56, em Itacuruba há um salto para 26,6. (levantamento do Cremepe para cada 100 mil habitantes, com base no ano de 2004) In: Diário de Pernambuco/vida urbana. Marcionila Teixeira. Além da tarja preta/Itacuruba afogada na tristeza – 15/10/2006. De acordo com dados do Banco Mundial (1993) em 1990 mais de 1,4 milhão de pessoas se suicidaram, o equivalente a aproximadamente 1,6% da mortalidade mundial, ficando o suicídio entre as dez principais causas de morte. “O suicídio encontra-se entre as 10 principais causas de morte no mundo, e entre as três primeiras quando se considera a faixa entre 15 e 34 anos de idade. Segundo dados da OMS, em termos globais, a mortalidade por suicídio aumentou em 60% dos nos últimos 45 anos. Nesse período, os maiores coeficientes de suicídio deixaram de pertencer à faixa mais idosa da população para atingir, também, faixas mais jovens (35 a 45 anos, e mesmo 15 a 25 anos em alguns países. O Brasil, embora apresente baixo coeficiente de suicídio (3,5/1000.000 habitantes/ano), encontra-se em 9º lugar na lista de países líderes em mortalidade por suicídio.” (Botega, 2005:143).

Itacuruba é uma cidade depressiva, isso é preocupante demais. Nessa situação é uma batalha diária, sem deixar morrer a memória, sem deixar a memória de lado, digo aos meus filhos: na sua idade eu estava fazendo isso, assim..., aí meu filho diz: mãe, aqui não tem, não oferece. Mas a agricultura, a memória, tem que ser muito bem preservada, porque um povo sem cultura é um povo sem identidade, é um povo depressivo. (Rita Dante)

Fizeram um estudo que disse que Itacuruba é a cidade onde o índice de pessoas que usam remédios dependentes é o maior no Brasil; a culpa é o impacto de terem derrubado nosso mourão, eu tenho certeza lá, em Itacuruba [velha] era de contar de dedo as pessoas que dependiam de remédio (Regivaldo de Souza – 42 anos)

Esses depoimentos associam a depressão, em que a comunidade parece estar mergulhada, ao doloroso processo de exílio e tortura vivido durante duas décadas, em que foi solapando do grupo, lentamente, sua dignidade. De início ouvíamos falar desses males nos bancos de praça, em meio fio de calçadas; mães falavam de filhos que se recusavam a sair de casa, filhos contavam de mães reclusas, jovens lembravam amigos deprimidos:

A gente lá [velha cidade] não tinha tanta doença, a maioria depressiva, lá não tinha isso não,. Já minha mãe é que não aceita sair, vive em casa, revoltada com a mudança pra cá, ele não aceita. (Rivoneide Valdomira de Souza – 33 anos)

Existe aqui muitos jovens de dezesseis, dezessete anos com depressão, tem adulto também, mas é mais jovem, mas acho que isso é muito da pessoa não ter opção pra se divertir, transparecer, trabalho, que trabalho ocupa a mente, e aqui o único trabalho que tem mesmo é a prefeitura. (Ilana Novaes de Souza – 18 anos)

Eu tenho minha filha, 31 anos, não sai pra nada, não vai nem no médico, ele é que vem vê-la. Enquanto eu for viva vou levando, mas como ela vai ficar depois? (Adaltiva Maria da Conceição Lourenço – 68 anos)

Francilina Ribeiro de Carvalho, 67 anos:

Gostava da cidade velha lá eu tinha saúde, depois que cheguei aqui é só doente. O médico de Serra Talhada disse que meu problema é nervo. Lá [cidade velha] eu trabalhava na minha roça e na roça dos outros, todo mundo gostava do meu trabalho, eu era ligeira, agora eu quero morrer, morrer logo, mas parece que não vou morrer nunca, se eu for andar eu caio, queria saúde, mas não tenho, quero morrer.

Encontros semelhantes tornaram-se frequentes; a sombra da dor parecia encobrir a cidade, a atmosfera dos campos de refugiados deve se assemelhar a esta que respirávamos .

Risonildo Bartolomeu dos Santos, 33 anos:

Lá eu era normal, depois que cheguei aqui comecei a adoecer, já fui internado três vezes no hospital para doente dos nervos lá em Serra, cheguei essa semana.

Procuramos Solange Maria de Sá Silva Almeida, Secretária de Saúde do município, que revelou grande preocupação com questões como: alcoolismo, entre jovens e adultos, observando que não é raro encontrar crianças com oito anos fazendo uso frequente de bebidas alcoólicas. Apontou que a cada dia aumenta o número de dependentes de remédios para ansiedade, principalmente o Rivotril. Para Solange esse panorama da saúde em Itacuruba pode ser consequência da perda das origens, com a mudança da cidade para o novo espaço;

O psicólogo da Unidade Mista Dr. Manoel Novaes, coordenador de saúde mental de Itacuruba, Aristóteles Lima da Silva e o único médico da cidade, que atende no Posto de Saúde da Família, José Atayde de Alencar Duarte Júnior, médico pós-graduado em psiquiatria procuraram fazer um levantamento de quantas pessoas estavam utilizando medicamentos psicotrópicos, neurológicos e antidepressivos, esses dados foram levantados e se chegou a uma média de até 15% da população fazendo uso de algum tipo de medicação controlada.

Essas correntes de depressão, de desencanto, se fazem presentes nos olhares, nas falas, na aura da nova cidade; as pessoas não contam apenas sobre as próprias dores, remetem ao todo, a uma tristeza coletiva, a um abandono que, parece, lhes dá o direito de decidir o tempo de permanência no mundo. Para Marcel Mauss (1926: 189), “a influência do social sobre o físico admite um mediador psíquico evidente; é a pessoa que se destrói a si mesma, e o ato é inconsciente”, embora sugerido culturalmente.

Dr. Atayde sublinha que não se pode ignorar a existência de causas individuais e subjetivas para cada caso de paciente que tenta ou comete suicídio. Mas observa que as mudanças vividas, desde a saída do antigo lugar, geraram uma nova Itacuruba:

Reduto de uma população que perdeu as suas antigas bases referenciais econômicas e culturais, uma cidade, pois, mais ociosa, melancólica. Não se faz, portanto, absurdo relacionar os altos índices de absurdo relacionar os altos índices de suicídios da cidade, entre outras possíveis causalidades, a essa mudança de vida da população, cujas proporções podem tê-la tornado mais propensa, pela ociosidade, pelo sentimento de perda, a sintomas de desesperança e depressão, agravantes e propulsores da morte voluntária.

Frente a esse contexto, pode ser muito boa para pensar, a observação de Durkheim, (2004: 277) de que “quando alguém está habituado desde a infância a não fazer caso da vida e a desprezar os que lhe têm apego excessivo, é inevitável que se desfaça dela pelo mais leve pretexto. É fácil se decidir por um sacrifício que custa tão pouco”.

De acordo com Michel de Certeau (2002), as estatísticas não devem ser desprezadas, mas é importante perceber que elas não põem à mostra o fraseado devido à bricolagem, à inventividade artesanal, à discursividade que combina esses elementos. Na esteira dessas ideias é preciso considerar que, à sombra desse coquetel de índices alarmantes, os números que dão o tom de caos à cidade, e se repetem na *mídia*, reificam, também, o nosso olhar dicotômico frente à vida. Os depoimentos que vínhamos escutando, as reportagens lidas, as pessoas em busca de tranquilizantes, pareciam colocar o grupo à beira de um precipício, espaço em que parados olhavam o vazio, ou a morte. Mas, ao mesmo tempo, esses relatos, nas entrelinhas, davam pistas de que pelas frestas de um luto continuamente vivido, em um não-lugar, num tempo em suspenso, havia movimento; uma intenção de resistência.

Tinha muito terreno aqui que era para fazer os lotes pra gente, pro pessoal que ia ser reassentado, para ganhar terra, mas aí eles [CHESF] resolveram dar esse dinheiro [indenizar], aí e a CHESF ficou com os terrenos; aí muita gente cercou, cada um ficou com seu cercado, um dos terreninhos que eu tenho não comprei, cerquei, cada um tirou o INCRA, esse ano mesmo já paguei os cem reais do INCRA.. (Elias Antônio da Silva – 69 anos)

A gente foi cercando essa terrinha ali perto do riacho, na terra da CHESF; plantei uma rocinha de tomate, comprei arame e fui cercando, e ainda hoje eu estou aí. (Pedro Benício dos Santos – 69 anos)

Esses terrenos já tinham sido indenizados pela própria CHESF, aí muitos dos próprios donos ficaram donos das terras que já tinham vendido, foi só cercar. (Rita Dante)

Eu sou professora, terminei a minha pedagogia, mas trabalho também na agricultura, final de semana quando aparece alguma muda de cebola eu vou mudar. Eu tenho assentamento, Angico II, porque lá a gente vai trabalhar com a terra, e eu não vou deixar morrer essa tradição da agricultura. (Constância de Menezes Silva – 35 anos)

Eu hoje faço parte do acampamento do nosso município, o qual não foi reconhecido, ainda, pelo INCRA; assentamento Serrinha. Estamos lá com 18 famílias, vamos fazer cinco anos que estamos lá, agora 1º de maio; já estamos produzindo maracujá, estamos produzindo cebola, mesmo sem estarmos assentados ainda. (Ademilson Nunes de Souza)

A CHESF deixou muita terra aqui, uns plantam bananeira, outros criam bichosão vários sem-terra, como chamam, no acampamento, agora só três são

de associações que estão fazendo já, um pertence ao MST, dois são da FETAPE. (Joana d'arque)

Na realidade, embora a população de Itacuruba repita, de forma obsessiva, o discurso sobre terras improdutivas, inapropriadas para a agricultura, reconhecendo-se enquanto agricultores sem agricultura na busca por reparação pela identidade perdida, e esta seja uma realidade assumida cientificamente pelos técnicos da CHESF; muitas das pessoas da nova cidade, tenazmente, buscam maneiras de continuar a viver da agricultura, se identificando como homens da terra. Subvertem as diretrizes de esperar por soluções vindas de fora, de se conformar com a vida perdida e a indenização recebida. Ocupam, astuciosamente, terras da CHESF, que eram de grandes proprietários da antiga cidade, já indenizadas. Jogam com o que lhes é imposto, movimentam-se, como é próprio da tática. Segundo Certeau, a tática é arte do fraco, mobiliza recursos insuspeitos deslocando as fronteiras da dominação fazendo funcionar as suas leis e suas representações no quadro de sua própria tradição.

Em todos os depoimentos, as pessoas reconhecem a desigualdade de forças entre elas próprias e a CHESF. Quando dialogam com os de fora, se utilizam dos relatórios dos pedólogos que afirmam a esterilidade do solo, mas, no cotidiano, confiam nos saberes ancestrais, na possibilidade de se relacionar com a terra, recebendo dela o seu máximo, embora em situação adversa, nesse movimento, em outras bases, em escala incomparavelmente menor que na velha cidade, os agricultores da nova Itacuruba reinventam a própria *arte de fazer* brotar vida da terra, agora pedregosa e seca.

Muitos dos relatos que ouvíamos, envolviam a juventude da nova Itacuruba em um panorama de sombras, pareciam condenados a não existir de forma produtiva, uma vez que não tinham raízes em lugar algum.

Entretanto, enveredando pelas frestas em que as astúcias se desenvolvem no não-lugar Itacuruba, revela-se esperança em um novo tempo em que as universidades públicas, antes inacessíveis, chegam cada vez mais perto; para Ilana, fazer medicina no Recife seria impensável, mas em Petrolina é sonho possível; direito em Serra Talhada, de acordo com Tamara, é um sonho concretizável; estes são caminhos mais reais que a agricultura. Estes e tantos outros jovens delineavam um futuro prenhe de possibilidades; seus devaneios sinalizavam para a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas na situação econômica e social cambiante em que nasceram.

Essas ideias me fizeram lembrar da árvore de Michel Serres (2008) para quem é verdade que todo começo surge a partir de um caule envelhecido, esgotado, agonizante, e que cada uma de nossas ressurgências produz seu ramo a partir dessa fatalidade; a vida emerge do inerte. Nós nos afastamos do que é estável, de antigas proteções, nós nos refazemos continuamente, nesse movimento, partindo da cidade submersa, a nova Itacuruba, embora não seja, ainda, ramo florido, ao menos é galho vivo, desafiando o vento, mesmo sem garantia alguma de que virá a ser tronco forte

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus Editora, 2001.

ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de. **Na Margem do Lago**: um estudo sobre o sindicalismo rural. Recife: Massangana, 1990.

ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de.; CALDAS NETO, Magda de.; LIMA, Ana Eliza V. (Org.). **Sonhos Submersos ou Desenvolvimento? Impactos Sociais da Barragem de Itaparica**. Recife: FJN, Editora Massangana, 2000.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALANDIER, G. **A Desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BERGER, Peter. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002.

DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo : Martin Claret, 2002

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

HALWBAKS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LIMA, Ana Eliza Medeiros V.; GALINDO, Magda Caldas. Itaparica: um grande empreendimento e seus efeitos para a população afetada. **Revista Pernambucana de Desenvolvimento/Instituto de Planejamento de Pernambuco**, v. 14, n. 1 / 2, p. 183-205, jan. 1991/jun. 1993. Recife: CONDEPE, 1993.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

SCOTT, R, Perry. **Negociações e Resistências Persistentes: agricultores e a barragem de Itaparica num contexto de descaso planejado**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SERRES. Michel. **Ramos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1997.